

O GRANDE AVANÇO NA FRENTE IDEOLÓGICA DA FRELIMO



Em Fevereiro deste ano começou um novo curso político no centro da FRELIMO. Cerca de 40 quadros com várias tarefas nas diferentes Províncias estão a participar num curso de 3 meses que foi aberto pelo Presidente. Antes dos quadros começarem com os trabalhos, o camarada Samora Machel esboçou as razões do curso e os seus objectivos.

Os seus comentários são apresentados aqui.

Comaradas:

No meeting em Dezembro de 1972 o Comité Central chamou a atenção para a popularização da linha política e luta da FRELIMO. Por outras palavras, preparar os nossos guerrilheiros e o povo para assumir a linha política de organização, armar a nossa classe ideologicamente para que todas as manobras sejam destruídas.

É um facto imperativo que a linha política se está a enraizar em todo o Moçambicano, alcançando os mais remotos e distantes sectores, e é por isso que todo o Povo compreende e vive a Revolução Moçambicana.

Vamos estudar a linha política da FRELIMO que é baseada objectivamente nos interesses dos trabalhadores e na realidade concreta da luta dos Povos.

A nossa linha política corresponde sempre ao nível de desenvolvimento da luta e conseqüentemente à compreensão do Povo quanto à sua situação e seus interesses.

Hoje a nossa luta alcançou um estágio em que a Unidade Nacional não é só por si suficiente; a questão fundamental torna-se agora o triunfo da Revolução e não justamente a Independência Nacional. A Unidade Nacional facilitou-nos o início do processo de libertação, mas a dialéctica do próprio processo requer que a Unidade Nacional seja transformada em Unidade Ideológica. A ciência e a compreensão objectiva do nosso País e do Mundo, adquiridas através da luta de classes e da luta pela produção, são as bases do nosso pensamento.

Este pensamento forjado pela prática e moldado pela ciência será o instrumento de liquidação do tribalismo, regionalismo e racismo, mentalidade inculcada pelo capitalismo; essa mentalidade faz-nos ainda considerar como indispensáveis para a nossa personalidade factores que são contudo decadentes, degradantes e desactualizados.

Embora a situação geral seja mais do que nunca favorável à Revolução—à vitória dos interesses dos explorados—estamos ainda perante muitas dificuldades criadas pelo tipo particular de sociedade que é tradicionalmente a nossa.

A sociedade africana ainda num estágio de subdesenvolvimento provocado pela situação actual das suas forças produtivas, é uma sociedade minada pelo subjectivismo, superstição e submissão ao inesistente sobrenatural, fragmentada pela pluralidade linguística e falsa solidariedade étnica, dominada pelas tradições arcaicas que oprimem mulheres e jovens bloqueiam a iniciativa criadora. É por isso que a nossa prática revolucionária tem ainda alguns pontos fracos. Sendo a FRELIMO uma frente ampla, todas as ideias confusas que prevalecem na nossa sociedade são trazidas para o seu seio. Nós devemos adquirir uma consciência correcta na luta contra as nossas limitações.

Os camaradas que foram seleccionados para este curso, possuem uma longa experiência, adquirida em vários campos da nossa luta.

O nosso conhecimento tem sido enriquecido através da prática e assim a nossa tarefa será sintetizar essa prática, despojá-la de qualquer subjectivismo ou empirismo, elevando esse conhecimento ao nível de teoria revolucionária, de modo que a nossa prática se torne mais correcta..

Através deste curso nós adquiriremos espírito crítico e capacidade de análise, tornando-nos assim aptos a compreender a natureza da guerra em curso.

O que se nos depara já não é apenas o colonialismo português; este torna-se um esquelético cadáver encobrendo o real inimigo: o Imperialismo.

É por isso que se torna necessária uma guerra popular como instrumento de mobilização e organização da invencível das largas massas, conscientes dos seus interesses e determinadas a defendê-los.

Contrariamente aos capitalistas, que definem o Povo como parte da Nação que não sabe o que quer, nós consideramos o Povo organizado como a força motora da Revolução, a força capaz de ganhar a guerra e defender a organização.

Tivemos o exemplo de alguns reaccionários no nosso seio que se opunham à guerra do Povo alegando que ela era demasiado longa.

De facto eles tinham o próprio processo da guerra, o qual despertava a consciencia do Povo, conduzindo à formação de uma vanguarda organizada do povo trabalhador. Eles opunham-se à guerra do Povo a ponto de tentar bloquear o processo da educação ideológica das massas e, conseqüentemente, a luta de classes. Isto permitiria aos novos exploradores a usurpação dos benefícios da nossa luta e dos nossos sacrificios.

Desagarrar desde já as ideias e forças reaccionárias é defender a Revolução, matar a cobra no ovo. Pela sua natureza a reacção tende a aliar-se ao imperialismo, especialmente depois da Independência. É nosso dever neutralizá-la e bani-la do nosso meio, enquanto ela ainda está desorganizada e sem grande poder. Se não o fizermos poderemos ser exterminados sem contempções, podendo a opressão ser novamente abater-se sobre o Povo.

Este curso tem como um dos objectivos a unidade do Povo. Unir o Povo não significa agrupá-lo indiscriminadamente, mas torná-lo consciente dos seus interesses e organizá-lo na defesa desses interesses. Este curso prepara os quadros do Movimento, os quais, tal como plantas novas, serão transplantados para todo o País, com o objectivo de instalar a nova consciencia e organizar a vanguarda.

Qualquer sociedade cria as suas próprias estruturas: o capitalismo que explora os trabalhadores nega-lhes o seu papel de força motora e liderança da sociedade. Nós, que sendo trabalhadores sabemos que tudo é resultado de trabalho e que é através dele que nos formamos, criamos estruturas que servem os trabalhadores. Assim, aprendemos a servir o Povo e não por o Povo ao nosso serviço. É esta a essência da consciencia de trabalhador que o curso nos deve transmitir.

Estamos a inaugurar uma escola que é revolucionária tanto na sua natureza como nas suas funções.

É uma escola onde o professor deverá aprender com o aluno, onde não devem existir paternalismo nem complexos de superioridade. Os alunos aprenderão com o professor, transmitindo-lhe a sua própria experiência de tal modo que todos aprendam uns com os outros. Cada qual deve promover a discussão de problemas surgidos no trabalho em contacto com o Povo, para que todos juntos encontrem as soluções mais justas.

Temos a necessidade de organizar o Povo, a produção, o ensino, e fazer um esforço consciente para nobilitar totalmente a mulher moçambicana para a revolução.

Deve os reconhecer que existem ainda dificuldades, especialmente devido ao facto de o nível de consciencialização entre nós não corresponder ainda totalmente às exigências da Revolução.

A emancipação da mulher é uma questão importante.

Existem camaradas que decoram lindas frases acerca da emancipação da mulher, mas que na prática se opõem ao avanço das mulheres e criam vários obstáculos quanto à ocupação, por mulheres, de cargos de responsabilidade.

Há ainda aqueles que falam de emancipação defendendo ao mesmo tempo a poligamia, uma das mais típicas expressões da dominação feudal. Os capitalistas costumam dizer que a mulher é uma animal de cabelos longos e ideias curtas, alimentando assim os complexos que lhes inculcaram.

Através deste curso, abrimos uma das frentes mais defíceis, a da luta ideológica, que é mais subtil e tem consequências decisivas.

Abrir uma frente militar é menos decisivo do que abrir uma frente política. Devemos por isso concentrar os nossos esforços na sua defesa, não nos esquecendo nunca que o inimigo estará sempre alerta, tentando destruir o nosso trabalho.

LIBERTÉ DE LIBERTAÇÃO DE MOÇAMBIQUE - LIBERTÉ

LIBERTÉ INDÉNGIA OU MORTE - VINCULADOS!